

VI. Apresentação da ficha da base de dados da *terra sigillata* sudgálica

A ficha apresentada em anexo (ver anexo 8) é o resultado de duas propostas principais: os trabalhos sobre os espólios de *terra sigillata* dos sítios de Monte Mozinho e Represas (Carvalho, 1993; Lopes, 1994). A questão do equilíbrio entre a análise — tida como mais objectiva — e a descrição — tida como eminentemente subjectiva — é uma problemática já focada pela primeira autora e foi também por nós reflectida. Considerámos assim que um simples catálogo descritivo, mesmo que enquadrado por parâmetros rígidos, pode mais facilmente conduzir a erros de interpretação pelo leitor, pois a sequência do texto do catálogo pode privilegiar mais este ou aquele aspecto, sem ter essa intenção. Por outro lado, uma ficha com descrições pré-definidas e assinaladas por “cruzinha” pode ser demasiado fechada, dando pouca margem de manobra para os casos que se desviam das tendências padronizadas. Optámos, assim, por elaborar uma ficha que sintetize, dentro do possível, as duas ideias-chave: análise e descrição, pelo que procurámos abrir o maior número de campos e dentro de cada um deles inscrever um texto descritivo, mas orientado por parâmetros previamente definidos.

No primeiro campo, “N.º de Inventário”, identifica-se a peça, segundo o registo do Inventário Geral de Miróbriga, mas também segundo uma outra nomenclatura, adaptada, no caso das peças conhecidas apenas em bibliografia: assim, regista-se igualmente “Dias (1976-1977): n.º 1” ou “Pereira (1971): n.º 1”, etc. Não se elaborou, pois, um inventário próprio para este trabalho que fornecesse às peças uma numeração sequencial e uniforme.

No campo “Depósito”, informamos acerca da localização, se conhecida, da peça: M (Ruínas Romanas de Miróbriga), MNA (Museu Nacional de Arqueologia) e MMSC (Museu Municipal de Santiago do Cacém).

No campo denominado “Campanha” indica-se o ano da campanha de escavação em que a peça foi exumada, caso se conheça essa informação.

No campo “Sector”, indica-se uma localização parcelar na planta das Ruínas, quando conhecida.

No campo “Unidade de Recolha” é indicada a unidade estratigráfica de escavação, conhecida apenas numa minoria de exemplares do espólio. Existem ainda algumas peças provenientes de recolha de superfície.

Nos campos “Registo Gráfico” e “Registo Fotográfico” indica-se a existência (com a letra “s”), ou não (em branco), da elaboração de desenho e fotografia, respectivamente.

O campo “Morfologia” (“Morf.”, no catálogo) é usado para informar acerca da posição do fragmento no vaso: b (bordo), f (fundo), c (carena, mas também inflexão no perfil, no caso da Drag. 27), bj (bojo).

No campo “Tipo” surge a classificação tipológica, apresentada segundo as tabelas mais conhecidas (Dragendorff — “D” —, Ritterling — “R” —, e ainda o “serviço F” flaviano). Quando não é possível saber o tipo, indicamos se pertence a prato (p), tigela (t), ou taça (ta). No caso dos bojos de classificação indeterminável, consta o símbolo “?”.

O campo “Descrição Morfológica” é preenchido quando as peças apresentam alguma característica a destacar: caneluras ou ressaltos, roleta, aspectos relevantes do bordo, etc.

Na “Descrição da Pasta” e na “Descrição do Verniz” (“Pasta” e “Verniz”, no catálogo), tivemos em conta três trabalhos principais, debruçados sobre as produções de La Graufesenque e Montans. Vernhet (1986b) descreve os produtos de La Graufesenque como peças de pasta fina, dura, de cor bege rosada, contendo pequenas partículas de calcário branco; a “cobertura” é descrita como vermelha coral, semi-vitrificada, muito aderente. Na mesma obra, DAF 6 (1986), Martin (1986b) descreve as peças de Montans como possuidoras de pasta fina, mas muitas vezes pouco dura e com fracturas pouco nítidas, podendo conter minúsculas partículas de cal; a cor é geralmente clara, bege rosado, com tendência ao branco; no século II a pasta torna-se mais alaranjada; a cobertura, por vezes pouco aderente e mate, é de cor vermelho alaranjado, com ten-

dência ao escuro, podendo ser “marron-chocolate”. Tomber e Dore (1998, p. 28-29) deram um contributo para esta descrição dos materiais sudgálicos, recorrendo a um discurso mais elaborado, suportado em tabelas científicas, nomeadamente a tabela de cores de solos de Munsell. A pasta de La Graufesenque é classificada como “pale pink-brown” (rosa-castanho pálido; 10R 6/8 = N20 de Cailleux), por vezes alcançando tons 6/6 (=N19) e 5/8 (=P19); contém abundante cal, em partículas geralmente inferiores a 0,1 mm de dimensão, ocasionalmente superior a 0,5mm; a mica branca é rara; pode ter vácuos alongados de 2,0mm; a superfície é de cor “red-brown” (vermelho-castanho; 10R 5/8 = P19), geralmente bem lustrada e com boa fractura. Os mesmos autores descrevem a pasta de Montans como “pale red-brown” (vermelho-castanho pálido; 10R 6/8 = N20), podendo ser também 10R 8/8 — 7/8; de boa fractura (ao contrário da opinião de Martin, 1986b), mas contendo mais cal do que as peças de La Graufesenque, em partículas de 0,1 mm de dimensão, podendo atingir 0,4 mm, apresentando alguma mica branca ou grãos de ferro, por vezes com 0,3 mm de dimensão e vácuos que podem atingir 1,0 mm de comprimento; a superfície é de cor “red-brown” (vermelho-castanho; 10R 5/8 = P19) ou 10R 4/8 (=S17), lustrada. Consideram o fabrico do século I geralmente mais pálido do que o de La Graufesenque, mas de verniz mais acastanhado, tornando-se mais parecido com os produtos de Lezoux.

Tendo em conta este enquadramento, elaborámos 3 grupos de pastas e 5 de vernizes, utilizando como instrumentos de trabalho uma lupa manual com gama de ampliações de 8, 10 e 18x, a luz solar (já que não possuíamos meios laboratoriais ao nosso dispor) e a tabela de cores de solos de A. Cailleux, na qual é possível fazer a homologação para a congénere de Munsell.

A pasta n.º 1 é dura, compacta, de fractura nítida, e contém raríssimos elementos não plásticos. A sua cor varia entre M37 (=2,5 YR 6/6, rouge clair/vermelho claro) e M17 (=7,5 R 6/6, rouge clair/vermelho claro);

A pasta n.º 2 é também dura, mas contém mais elementos não plásticos, embora ainda em pouca quantidade; também é compacta, mas com alguma granulosidade visível a olho nu. Confunde-se algo facilmente com a pasta n.º 1, se não efectuarmos a fractura. A sua cor é a R19 (=10 R 5/6, rouge/vermelho).

A pasta n.º 3 é menos dura e compacta; contém frequentes elementos não plásticos visíveis a olho nu, sempre de pequenas dimensões como nas pastas anteriores; é, por isso, mais clara, variando entre N37 (=2,5 YR 6/8, rouge clair/vermelho claro) e N25 (=10 R 6/4, rouge pâle/vermelho pálido).

O verniz n.º 1 é quase acetinado, medianamente espesso, de muito bom fabrico, resistente; a sua cor é R17 (=7,5 R 4/6, rouge/vermelho);

O verniz n.º 2 é de bom fabrico, pouco brilhante, não tão resistente quanto o verniz n.º 1, mas também de espessura média; a sua cor é R15 (=10 R 4/8, rouge/vermelho);

O verniz n.º 3 é muito pouco brilhante ou baço, algo estaladiço, embora também de espessura média; a sua cor varia entre S19 (=10 R 4/4, rouge faible/vermelho ténue) e S20 (=10 R 4/4 — *sic* —, rouge faible/vermelho ténue);

O verniz n.º 4 é muito fino, de mau fabrico, manchado, mas resistente; a sua cor varia entre R19 (=10 R 5/6, rouge/vermelho) e R20 (=2,5 YR 4/6, rouge/vermelho);

Por fim, o verniz n.º 5, marmoreado, de boa qualidade e espessura média.

No campo “medições” (“mediç.”, no catálogo) apresentam-se os valores principais para a análise: db (diâmetro de bordo), dc (diâmetro de carena), dp (diâmetro de pé-de-anel), hbc (altura entre bordo e a carena), hp (altura do pé-de-anel).

No campo “Decoração”, classificamos e descrevemos os motivos ornamentais das peças decoradas.

Nos campos relativos a “Marca” e a “Grafito”, apresentam-se a leitura e a interpretação/identificação dos mesmos.

O campo “Cronologia” foi naturalmente aberto no intuito de constar uma informação imediata sobre a baliza temporal do fragmento em questão.

Por fim, no campo “Observações” (“Obs.”, no catálogo) constam as possíveis indicações de certa forma extraordinárias no decorrer de qualquer análise, bem como as bibliográficas.

No catálogo, por erro nosso ao elaborar a base de dados, a sequência das peças não segue a normal disposição matemática, pelo que alertamos para uma lógica um pouco diferente, que se deve ao facto de o programa não reconhecer correctamente valores dispostos em vários campos (Mir-23-67, etc.), o que requeria a elaboração de vários sub-campos, ou de uma nomenclatura homogénea (como 1, 2, 3, etc.) para uma correcta leitura por parte do Access. Assim, ao ordenar as fichas, o programa considera, por exemplo, que Mir-200-34 é um valor mais baixo do que Mir-21-34, pois o número 200 contém o algarismo 0 em segunda posição e o 21 contém um 1. Pela mesma ordem de razões, ao consultar-se o catálogo, deve ter-se em conta que as peças estão dispostas em função dos primeiros algarismos do campo: encontramos primeiro as peças com 1, 10, 100, 1000, vindo depois as peças com números 2, 20, 200, 2000, etc.